

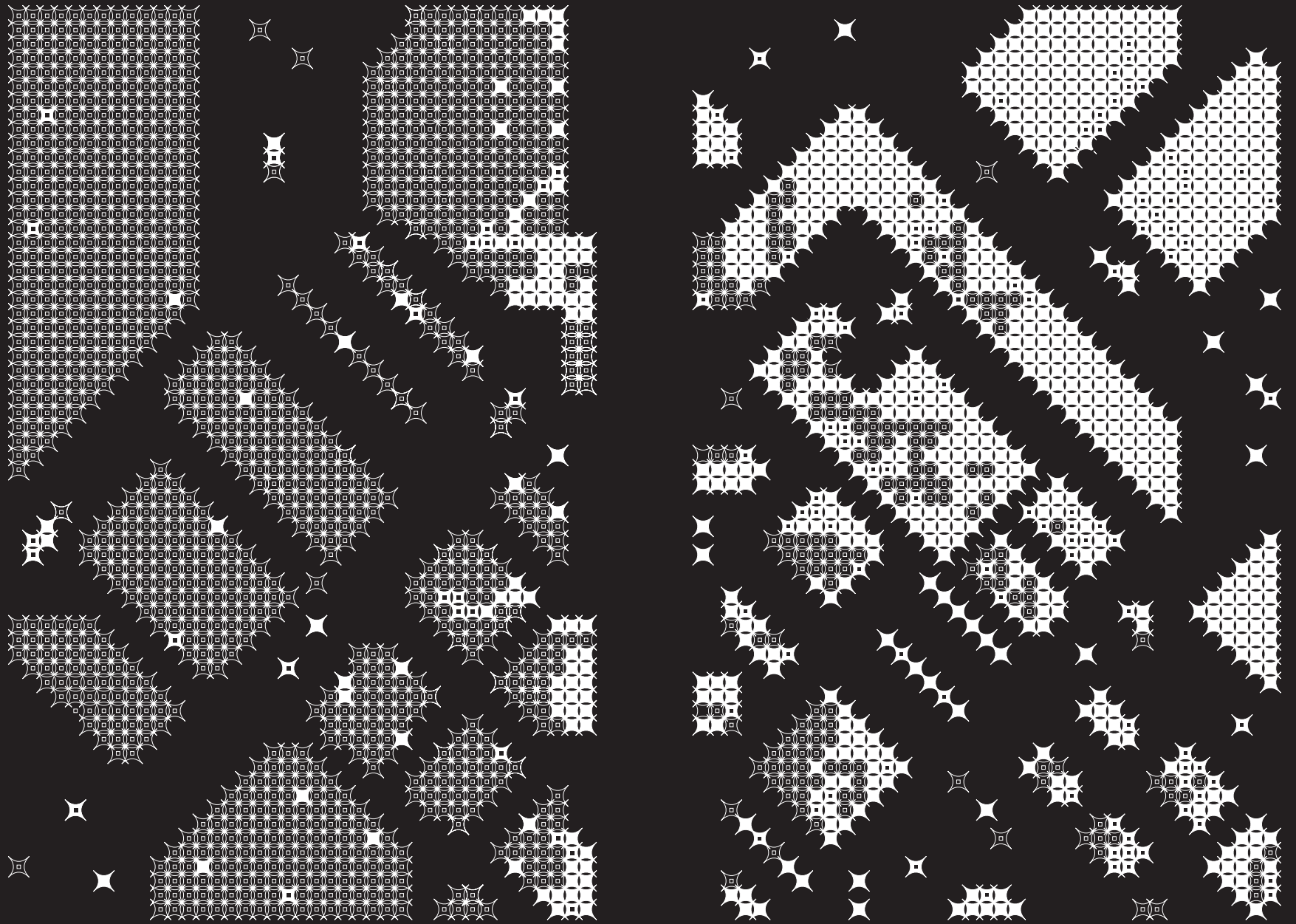
code

in

more

or

is



caça

um

noite

do

se

noite

partido

8

GLOSSÁRIO

11

NOTA DO AUTOR

13

PRIMEIRA PARTE
OS QUANGEL

225

SEGUNDA PARTE
A GESTAPO

417

TERCEIRA PARTE
O JOGO VIRA CONTRA OS QUANGEL

569

QUARTA PARTE
O FIM

753

POSFÁCIO
POR SONALI BERTUOL

SUMÁRIO

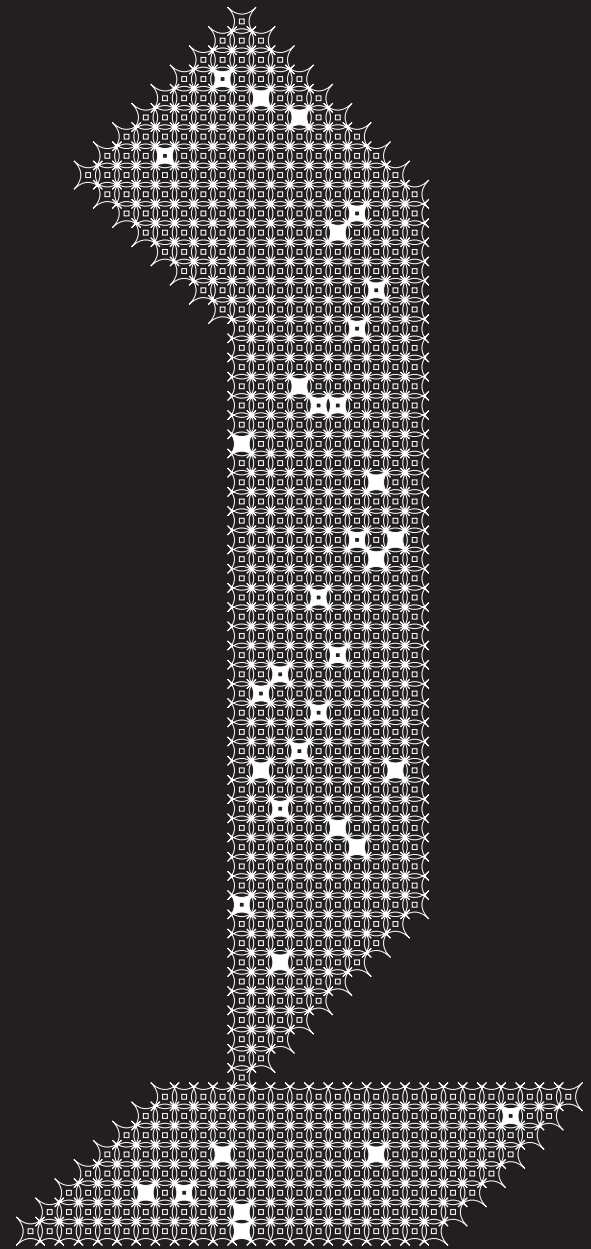
BDM	Sigla de Bund Deutscher Mädel, a Liga das Jovens Alemãs, de filiação obrigatória a partir de 1936.	Napola	Sigla de Nationalpolitischen Erziehungsanstalten, Escolas Nacionais de Educação Política, internatos destinados à formação das elites militares e políticas.
DAF	Sigla de Deutsche Arbeitsfront, ou Frente Alemã do Trabalho, organização nazista criada após a dissolução dos sindicatos em 1933, que congregava patrões e empregados.	NSDAP	Sigla de Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista ou Nazi.
Gestapo	Acrônimo em alemão de Geheime Staatspolizei, “polícia secreta do Estado”. Criada em 1933, no início era apenas um ramo da polícia prussiana. Tornou-se a polícia política do nazismo, conhecida pelos seus métodos ultraviolentos.	RDA	Sigla de Reichsarbeitsdienst, o serviço oficial do Terceiro Reich para o trabalho, que instituiu, entre outras obrigações, a prestação compulsória de serviços de apoio às atividades militares.
HJ	Sigla de Hitlerjugend, a Juventude Hitlerista, instituição obrigatória para jovens da Alemanha nazista, que visava doutrinar crianças e adolescentes alemães de 6 a 18 anos sobre os preceitos nazistas.	SA	Sigla de Sturmabteilung, literalmente, “destacamento tempestade”, como eram conhecidas as tropas de assalto que funcionavam como uma milícia paramilitar.
KZ	Sigla de Konzentrationslager, campo de concentração.	SS	Sigla de Schutzstaffel, “tropa de proteção”, como era conhecida a organização paramilitar ligada ao Partido Nazista e a Adolf Hitler.
Liga das Mulheres	Em alemão, NS-Frauenschaft, a célula feminina do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), o Partido Nazista.		

Os acontecimentos deste livro seguem em linhas gerais os autos da Gestapo sobre as atividades ilegais de um casal de trabalhadores berlinenses durante os anos de 1940 a 1942. Mas apenas em linhas gerais — um romance possui as suas próprias leis e não pode seguir a realidade em tudo. Assim, o autor também se absteve de buscar informações autênticas sobre a vida privada dessas duas pessoas: ele teve de apresentá-las como as viu em sua imaginação. São, portanto, duas personagens de ficção, assim como todas as outras personagens deste romance também foram inventadas livremente. Apesar disso, o autor acredita na “verdade profunda” do que é narrado, ainda que alguns detalhes não correspondam inteiramente às circunstâncias efetivas.

Alguns leitores poderão achar que neste livro se tortura e se morre com exacerbada abundância. O autor se permite fazer notar que neste livro se fala quase exclusivamente de pessoas que lutaram contra o regime de Hitler — delas e de seus perseguidores. Nesses círculos, durante os anos de 1940 a 1942, e também antes e depois, realmente morrer gente era muito frequente. Cerca de um terço deste livro se passa em prisões e hospícios, e neles também a morte estava bastante em voga. O próprio autor muitas vezes não gostou de pintar um quadro tão sombrio, porém mais luz teria significado mentira.

H. F.

Berlim, 26 de outubro de 1946



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

O CORREIO TRAZ UMA MÁ NOTÍCIA

A carteira Eva Kluge sobe lentamente os degraus do prédio na Jablonskistrasse, 55. Ela não vai tão devagar porque o seu roteiro de entregas a tenha cansado ou algo assim, mas porque dentro da sua bolsa há uma daquelas cartas que detesta entregar e daqui a pouco, mais dois lances de escada acima, terá que entregá-la aos Quangel. A mulher com certeza já está à sua espera, faz mais de duas semanas que ela espreita a carteira para saber se não chegou carta do front para si.

Antes de entregar a carta datilografada, Eva Kluge precisa deixar o *Völkischer Beobachter*¹ com os Persicke naquele andar. O velho Persicke é chefe distrital ou dirigente político ou coisa que o valha no Partido — embora Eva Kluge também seja membro do Partido desde que começou a trabalhar no correio, todos esses cargos a deixam cada vez mais confusa. Seja como for, nos Persicke é preciso cumprimentar com “*Heil Hitler*” e ter muita cautela com o que se diz. Bem, na verdade por toda parte é preciso ter cautela, é rara a pessoa a quem Eva Kluge possa dizer o que realmente pensa. Ela não se interessa por política, é simplesmente uma mulher e, como mulher, acha

1 Jornal do Partido Nazista.
[TODAS AS NOTAS SÃO DA TRADUTORA.]

que as mães não puseram os filhos no mundo para serem mortos a tiros de fuzil. Ela também acha que de nada vale um lar sem um marido, e agora ela não tem mais nada, nem os dois filhos, nem o marido, nem o lar. Em vez disso, ela tem de calar a boca, ser muito cautelosa e entregar cartas nojentas do front, que não foram escritas a mão e sim a máquina, e que têm como remetente um ajudante de ordens do regimento...

Ela toca a campainha nos Persicke, diz “*Heil* Hitler!” e entrega ao velho pau-d’água o seu *Beobachter*. Ele já está com o broche do Partido e o distintivo de autoridade na lapela — Eva sempre se esquece de pregar o seu broche — e pergunta: “Quais são as novidades?”

Ela responde com cautela: “Não sei. Parece que a França capitulou”. E rapidamente emenda a pergunta: “O senhor sabe se nos Quangel tem alguém em casa?”

Persicke não dá a menor atenção à pergunta. Ele abre o jornal. “Aqui está. Sim, a França capitulou. Gente, vejam, e a senhora me diz uma coisa dessas como se estivesse vendendo pãozinho. Tem que dizer com ânimo! Tem que dizer para todo mundo nas casas, para convencer os últimos resmungões! Já ganhamos a segunda guerra relâmpago e agora vamos partir para cima da Inglaterra. Em três meses os *tommies*² estarão liquidados, e então vocês vão ver a vida que o Führer vai nos dar! Aí os outros vão ter que sangrar, porque seremos os donos do mundo! Entre, dona, tome um trago com a gente! Amalie, Erna, August, Adolf, Baldur — venham todos aqui! Hoje ninguém pega no batedor! Hoje vamos encher a cara, hoje a França capitulou,

2 Gíria para designar os soldados comuns do Exército britânico.

e hoje à tarde talvez a gente vá na velha judia do quarto andar, e aquela bruxa vai ter que servir café com bolo para a gente! Escutem bem, agora a velha não tem como escapar, agora que a França lambeu o chão, não tenho mais dó nem piedade! Agora somos os donos do mundo, e todos têm que se curvar diante de nós!”

Enquanto o sr. Persicke, rodeado por sua família, se embrenha em comentários cada vez mais exaltados e começa a virar as primeiras doses do dia, a carteira já subiu ao andar de cima e tocou a campainha dos Quangel. Ela leva a carta na mão, disposta a logo seguir o seu caminho. Mas Eva está com sorte; quem atende não é a mulher, que quase sempre troca algumas palavras gentis com a carteira, mas o homem de rosto duro de pássaro, de lábios finos e olhos frios. Sem dizer uma palavra, ele pega a carta da sua mão e fecha a porta no seu nariz, como se ela fosse uma ladra com a qual é preciso tomar cuidado.

Mas Eva Kluge apenas dá de ombros e começa a descer de volta. Tem gente que é assim mesmo; desde que ela começou a distribuir o correio na Jablonskistrasse, aquele homem nunca lhe dirigiu uma só palavra, nem mesmo “*Heil* Hitler” ou “Bom dia”, embora ele também, como sabe a carteira, tenha um cargo na DAF. Bem, deixe estar, ela não pode mudá-lo, se não conseguiu mudar nem o próprio marido, que torra todo o seu dinheiro nas tavernas e nas corridas de cavalos e só aparece em casa quando está sem um tostão!

Na sua euforia, os Persicke esqueceram a porta do corredor aberta, e de dentro do apartamento ressoam o tilintar dos copos e a algazarra da comemoração da vitória e os muitos gritos de “*Sieg heil*”³. A carteira encosta suavemente a

3 Em alemão, “Viva a vitória”.

porta e continua a descer. Ela vai pensando que na verdade aquela é uma boa notícia, pois, com a rápida vitória sobre a França, agora a paz está mais próxima. Então seus dois garotos poderão voltar, e ela poderá lhes dar um lar novamente.

Mas, em meio a essas esperanças, uma sensação desconfortável a perturba, pois nesse momento pessoas como os Persicke estarão por cima. Ter de obedecer a eles, sempre calar a boca e nunca poder dizer o que sente e o que pensa é algo que também não lhe parece certo.

Por um instante, ela pensa no homem com o rosto frio de pássaro a quem acabou de entregar a carta do front e que provavelmente também terá um alto cargo no Partido, e também pensa na velha judia Rosenthal lá de cima no quarto andar, cujo marido a Gestapo levou faz duas semanas. É de dar dó, a pobre mulher. Antes os Rosenthal tinham uma loja de enxovais na Prenzlauer Allee. Depois a loja foi arianizada e agora levaram o homem, que deve estar perto dos 70. Aqueles dois velhos com certeza nunca fizeram mal a ninguém, ao contrário, sempre vendiam fiado, inclusive para Eva Kluge, quando não sobrava dinheiro para a roupa das crianças, e a mercadoria nos Rosenthal não era pior nem mais cara do que nas outras lojas. Não, uma coisa que não quer entrar na cabeça de Eva Kluge é que um homem como o velho Rosenthal possa ser pior do que os Persicke só porque é judeu. E agora a mulher fica sentada lá em cima no apartamento na mais completa solidão e tem medo de pisar na rua. Somente quando escurece, ela sai para fazer as suas compras com a estrela dos judeus, deve até passar fome. Não, pensa Eva Kluge, mesmo se tivéssemos vencido a França dez vezes, não haveria justiça por aqui...

Com esse pensamento, ela chega ao próximo prédio e ali continua a percorrer o seu itinerário de entregas.

Nesse meio-tempo, o mestre de fábrica Otto Quangel entrou no quarto com a carta do front e a pôs em cima da máquina de costura. “Aqui!”, ele diz apenas. Ele sempre concede à mulher o privilégio de abrir essas cartas, pois sabe o quanto ela é ligada ao seu único filho, Otto. Nesse momento ele está diante dela; ele recolheu o fino lábio inferior entre os dentes e espera o momento em que o rosto de Anna estará radiante de alegria. Com o seu jeito quieto, de poucas palavras e nenhuma ternura, ele ama muito aquela mulher.

Ela abriu a carta, por um instante seu rosto realmente se iluminou, até que se apagou quando ela viu a escrita datilografada. O seu semblante ficou amedrontado, ela passou a ler mais e mais devagar, como se temesse cada palavra ainda por vir. O homem curvou-se para a frente e tirou as mãos dos bolsos. Agora os dentes estão firmemente apoiados sobre o lábio inferior, ele pressente o infortúnio. O silêncio é absoluto na sala. Então a respiração da mulher começa a ficar ofegante...

De repente, ela solta um grito abafado, um som como o marido nunca ouviu. Sua cabeça tomba para a frente, bate primeiro nos carretéis de linha sobre a máquina e cai entre as dobras da costura, cobrindo a carta fatídica.

Dois passos e ele está atrás da mulher. Com uma pressa que nele é totalmente inusitada, põe a sua grande mão calejada nas costas dela. Ele sente que o corpo todo dela treme. “Anna!”, diz. “Anna, por favor!” Ele espera um momento, então ousa: “Aconteceu alguma coisa com Otto? Ele está ferido? É grave?”

O tremor continua pelo corpo da mulher, mas nenhum som sai de seus lábios. Ela não faz menção de erguer a cabeça e olhar para ele.

Ele vê a risca do cabelo dela, que ficou tão ralo em todos aqueles anos, desde que se casaram. Agora eles estão

velhos; se realmente aconteceu alguma coisa a Otto, ela não tem nem virá a ter mais alguém de quem gostar, somente dele mesmo, e ele sempre tem a sensação de que não há muito para gostar em si mesmo. Ele nunca consegue lhe dizer com nenhuma palavra o quanto se importa com ela. Nem mesmo agora consegue acariciá-la, ser um pouco amoroso, consolá-la. Ele apenas põe a mão forte e pesada na risca fina dos cabelos dela, suavemente a obriga a erguer a cabeça, de frente para ele, e diz em voz baixa: “O que eles nos escreveram, Anna, você precisa me dizer”.

Mas, embora os seus olhos estejam bem perto dos de Otto, ela não olha para ele, mantendo-os quase fechados. Seu rosto está pálido, amarelado, as cores, normalmente frescas, desapareceram. Também a carne sobre os ossos quase parece ter definhado, é como se ele olhasse para a cabeça de uma morta. Apenas a boca e as bochechas tremem, como todo o corpo treme, tomado por uma misteriosa convulsão interna.

Quando olha para esse rosto familiar, que agora se tornou tão estranho, quando sente o seu coração bater mais e mais forte, quando depara com a sua total incapacidade de oferecer a ela algum consolo, Quangel é tomado por um medo profundo. Na verdade, é um medo irrisório perante aquela dor profunda da mulher, o medo de que ela possa começar a gritar, ainda mais alto e descontroladamente do que acabou de fazer. Ele sempre gostou de silêncio, ninguém nunca devia notar nada na casa dos Quangel, ninguém podia manifestar nenhum sentimento: não! Mas também nesse seu medo, o homem não consegue dizer mais do que já disse antes, que é: “O que eles escreveram? Diga, Anna!”.

Sim, a carta está ali, aberta, mas ele não ousa pegá-la. Para isso, teria de largar a cabeça da mulher, e ele sabe

que essa cabeça, em cuja testa já se formaram duas manchas de sangue, voltaria a cair em cima da máquina de costura. Ele se controla e pergunta mais uma vez: “O que há com Ottochen?”.

Foi como se aquele diminutivo, quase nunca utilizado pelo marido, tivesse chamado a mulher de volta do mundo de sua dor para esta vida. Ela engole algumas vezes, até abre os olhos, que normalmente são muito azuis e agora parecem desbotados: “Com Ottochen?”, ela diz quase num sussurro. “O que pode haver com ele? Não há nada com ele, não existe mais Ottochen, é isso!”

O homem diz apenas um “oh”, um “oh” profundo, do mais fundo do seu coração. Sem se dar conta, largou a cabeça da mulher e agora pega a carta. Os seus olhos fixam as letras, ainda sem conseguir ler.

Então a mulher arranca a carta da mão dele. O seu estado de espírito mudou, ela rasga furiosamente a folha de papel em pedaços, em pedacinhos, picota-a ainda mais, enquanto diz em tom agressivo: “O que você ainda quer ler nessa sujeira toda, essas mentiras nojentas que eles escrevem para todos? Que ele teve uma morte de herói pelo seu Führer e pelo seu povo? Que ele foi um exemplo de soldado e de camarada? É isso o que você quer que eles lhe digam, quando nós dois sabemos muito bem que Ottochen preferiria ficar aqui montando os seus rádios e que ele chorou quando teve que ir com os soldados! Quantas vezes, quando era recruta, ele não me contou como eles eram maus lá e que ele daria a própria mão direita só para se ver livre deles! E agora: um modelo de soldado e uma morte de herói! Mentira, tudo mentira! Mas vocês com essa guerra nojenta é que são os culpados, você e o seu Führer!”.

Ela agora está em pé na frente dele, a mulher, menor que ele, mas cujos olhos o fulminam furiosos.

“Eu e o meu Führer?”, ele murmura, completamente atordoado com esse ataque. “Por que de repente ele é o *meu* Führer? Eu nem estou no Partido, só na DAF, e na Frente todo mundo tem que estar. E votar nele, nós dois sempre votamos, e você também tem um cargo na Liga das Mulheres.”

Ele diz isso tudo à sua maneira lenta, minuciosa, não tanto para se defender, mas para deixar os fatos mais claros. Ainda não consegue entender como a mulher de repente pode vir com esse ataque contra ele. Eles sempre fizeram tudo de comum acordo...

Mas ela diz irritada: “Porque é você o homem da casa, quem decide tudo, e tudo tem que ser de acordo com a sua cabeça. Até se eu quisesse apenas ter uma despensa de batatas no porão para o inverno, ela também deve ser como você quer, e não como eu quero. E uma coisa tão importante como essa você decide errado? Mas você é um carneirinho, você quer é ter sempre o seu sossego e não chamar atenção. Você faz o que todos fazem e quando eles gritam ‘Führer, ordene, nós obedeceremos!’, você corre atrás feito um cachorrinho. E nós temos que ir atrás de você! Mas agora meu filho está morto, e nenhum Führer do mundo nem você vão me trazer o meu Ottochen de volta!”

Ele ouve tudo isso sem contestar. Nunca foi de briga e, além disso, sente que é somente a dor que está falando nela. Estava quase contente por ela sentir raiva dele, por não se entregar à tristeza. E, como resposta a essas acusações, ele apenas diz: “Alguém tem que contar a Trudel”.

Trudel era a namorada de Ottochen, praticamente sua noiva, ela chamava Otto Quangel de pai e Anna de mamãe. À noite, costumava visitá-los, mesmo agora que Otto não

estava lá, e conversava com eles. Durante o dia, trabalhava numa fábrica de uniformes.

A menção a Trudel levou Anna Quangel imediatamente a outros pensamentos. Ela lança um olhar para o relógio de pêndulo que reluzia na parede e pergunta: “Você consegue ir antes do trabalho?”

“Hoje meu turno é da uma às onze”, ele responde. “Vou conseguir.”

“Está bem”, ela diz. “Então vá, mas apenas peça que ela venha aqui e ainda não diga nada sobre Ottochen. Eu mesma quero contar a ela. Ao meio-dia o seu almoço estará pronto.”

“Então eu vou agora e digo a ela para passar aqui hoje à noite”, ele diz, mas ainda não sai, fica olhando para Anna, para o seu rosto pálido e doentio. Ela retribui o olhar e, por um tempo, os dois se observam calados, duas pessoas que passaram cerca de trinta anos juntas, sempre unidas, ele quieto e silencioso, ela trazendo um pouco de vida à casa.

No entanto, por mais que se olhassem agora, não tinham palavras para dizer um ao outro. Finalmente, ele inclinou a cabeça em despedida e se foi.

Ela ouviu a porta do corredor bater. E mal se certificou de que ele realmente se fora, voltou-se outra vez para a máquina de costura e recolheu os fragmentos da carta fatídica. Tentou rejuntá-los, mas logo viu que isso demoraria muito, e ela precisava fazer o almoço dele antes de qualquer outra coisa. Então guardou com cuidado os pedaços rasgados dentro do envelope e este dentro de seu livro de cânticos, e foi para a cozinha. À tarde, quando Otto tivesse ido de verdade, ela teria tempo para pôr em ordem e colar os papeizinhos. Mesmo que tudo não passasse de mentiras idiotas, mentiras sujas, era a última coisa que ela tinha de Ottochen! Apesar de tudo, ela a guardaria e

a mostraria a Trudel. Talvez então conseguisse chorar, agora ainda era como se o seu coração estivesse em chamas. Seria bom poder chorar!

Ela negou raivosamente com a cabeça, e pôs mais carvão no fogão.

CAPÍTULO 2

O QUE BALDUR PERSICKE TINHA A DIZER

Quando Otto Quangel passou na frente do apartamento dos Persicke, ressoava lá de dentro um clamor de aplausos misturado a gritos de “*Sieg heil*”. Quangel apertou o passo, só para não ter de se encontrar com ninguém daquele bando. Já fazia dez anos que eles moravam no mesmo prédio, mas Quangel sempre procurou com um empenho especial evitar qualquer encontro com os Persicke, já desde a época em que o velho era um pequeno bodegueiro num local bastante ordinário. Agora os Persicke eram gente graúda, o velho havia galgado todos os degraus possíveis no Partido, e os dois filhos mais velhos estavam na SS; para eles, dinheiro não parecia ser um problema.

Mais uma razão para ter cuidado com aquela gente, pois todos nessa situação precisavam manter a sua popularidade dentro do Partido, e isso somente era possível se fizessem algo por ele. Fazer algo, porém, significava denunciar os outros, por exemplo, ir ao distrito policial e dar parte: Fulano e Sicrano ouviram uma estação de rádio estrangeira. Por causa disso, Quangel gostaria de já ter encaixotado os rádios do quarto de Otto e guardado tudo no porão. Toda a cautela era pouca naqueles tempos em que todo mundo espionava todo mundo, a Gestapo mantinha todos sob vigilância, o KZ em Sachsenhausen ficava cada vez maior e em Plötze a guilhotina tinha trabalho todos os dias. Ele, Quangel, não precisava de rádio, mas Anna

havia sido contra a remoção dos aparelhos. Uma consciência tranquila é o melhor travesseiro, ela achava que o velho ditado ainda valia. Só que essas coisas não valiam mais nada, se é que um dia valeram.

Com esses pensamentos, Quangel desceu ainda mais depressa os últimos degraus da escada, atravessou o pátio e alcançou a rua.

No apartamento dos Persicke, porém, eles haviam gritado daquela maneira porque o luminar da família, Baldur — que frequentava o liceu, mas se o pai conseguisse com suas relações iria até para uma Napola —, bem, porque Baldur encontrou algo numa fotografia no *Völkischer Beobachter*. Na foto, aparecem o Führer e Göring, o marechal do Reich, e na legenda está escrito: “Ao receber a notícia da capitulação da França”. Os dois aparecem da seguinte maneira: Göring com uma risada de orelha a orelha na cara gorda, e o Führer dando até tapas na coxa de alegria.

Os Persicke também se alegraram e riram como os dois na foto. Baldur, porém, que era inteligente, perguntou: “Vocês não repararam em nada nesta foto?”

Os outros olham para ele com expectativa, todos tão completamente convencidos da superioridade intelectual desse rapaz de 16 anos que ninguém arrisca um simples palpite.

“Ora!”, diz Baldur. “Pensem um pouco! A fotografia foi tirada por um fotógrafo da imprensa, certo? Mas será que ele estava presente no exato momento em que chegou a notícia da capitulação? Ela deve ter chegado pelo telefone ou por um mensageiro, ou mesmo por um general francês, e não se vê nada disso na foto. Os dois estão aqui sozinhos no jardim dando risada...”

Os pais e os irmãos de Baldur continuam ali sentados emudecidos sem tirar os olhos do çapula. Os rostos estão

quase imbecilizados de atenção e expectativa. O velho Persicke gostaria de se permitir mais um trago agora mesmo, mas não ousa fazê-lo enquanto Baldur está falando. Ele sabe por experiência própria que Baldur pode se tornar muito desagradável quando alguém não dá atenção suficiente às suas explicações políticas.

O filho, porém, continua: “Portanto, é uma foto posada, ela não foi feita quando chegou a notícia da capitulação, mas somente algumas horas depois ou talvez até mesmo no dia seguinte. E agora vejam como o Führer está rindo e dando tapas na coxa de alegria! Então vocês acham que um grande homem como o Führer continua tão empolgado com uma notícia dessas no dia seguinte? Ele já está pensando na Inglaterra e em como vamos pegar os *tom-mies*. Não, a foto toda é uma encenação, do momento em que foi tirada até as palmadas na coxa. Isso se chama jogar areia nos olhos dos idiotas!”

Os familiares de Baldur olham então para ele como se fossem eles os próprios idiotas com areia nos olhos. Se não fosse Baldur, mas qualquer estranho, eles o denunciariam à Gestapo por esse comentário.

Mas Baldur prossegue da seguinte maneira: “Vejam bem, e esta é a grandeza do nosso Führer: ele não deixa ninguém captar os seus planos. Agora todo mundo pensa que ele está comemorando a vitória na França, só que talvez ele já esteja reunindo os navios para invadir a Inglaterra. Estão vendo, precisamos aprender isso com o nosso Führer. Não podemos sair espalhando aos quatro ventos quem somos e o que temos em mente!”. Os outros assentem fervorosamente com a cabeça; parecem ter enfim compreendido aonde Baldur queria chegar. “É, vocês estão concordando”, diz Baldur irritado, “mas fazem as coisas de um jeito muito diferente! Não faz meia hora que ouvi o pai

dizer na frente da carteira que a velha Rosenthal lá de cima deveria servir café e bolo de graça para nós...”

“Oh, a velha porca judia!”, diz o pai Persicke, mas com um tom de desculpas na voz.

“Bem”, admite o filho, “não vai ter muito barulho por causa dela. Mas para que contar essas coisas para os outros? O seguro morreu de velho. Veja um sujeito como esse aí em cima da gente, o Quangel. Você não consegue tirar uma palavra do homem, mas tenho certeza absoluta de que ele vê e escuta tudo e também vai ganhar seu cargo quando começar a dar parte. E se ele for lá e disser que os Persicke não conseguem manter a boca fechada, que não são confiáveis, que não dá para contar nada para eles, aí nós estaremos fritos. Pelo menos, você, pai, com certeza, e eu não vou mover um dedo para tirar você do KZ, de Moabit ou de Plötze, ou seja lá onde enfiarem você”.

Todos permanecem em silêncio, e mesmo uma pessoa tão presunçosa como Baldur percebe que não é em todos que esse silêncio significa aprovação. Então ele diz rapidamente, para pelo menos trazer os irmãos para o seu lado: “Todos queremos ser um pouco mais do que o pai, e como é que podemos conseguir isso? Única e exclusivamente pelo Partido! E para isso precisamos fazer como o Führer: jogar areia nos olhos dos outros, agir como se fôssemos amigos, e depois, por trás, antes que alguém se dê conta, já está tudo feito e acabado. No Partido, eles têm que pensar: podemos contar com os Persicke para tudo, simplesmente para tudo!”.

Ele olha mais uma vez para a foto de Hitler e Göring rindo, inclina ligeiramente a cabeça e se serve de aguardente para mostrar que a sua lição política está terminada. Ele diz com uma risada: “Não faça esse bico, pai, só porque eu disse a minha opinião!”.

“Você só tem 16 anos e é meu filho”, começa o velho, ainda magoado.

“E você é o meu velho, que eu via um pouco mamado demais quando você ainda me impressionava”, Baldur Persicke apressa-se em dizer, provocando risos e ganhando todos, até mesmo a sempre amedrontada mãe. “Não, pai, deixe isso para lá, um dia vamos todos passear no nosso próprio automóvel, e todos os dias você vai beber champanhe até não poder mais!”

O pai quer novamente dizer alguma coisa, mas dessa vez apenas contra o champanhe, que ele não aprecia tanto quanto a sua aguardente. Mas logo Baldur prossegue em tom mais baixo: “As suas ideias não são ruins, pai, só que você não deve falar sobre elas com ninguém a não ser entre a gente. No caso da velha Rosenthal, talvez possamos obter alguma coisa, só que mais do que café e bolo. Só me deixe pensar um pouco, nesses assuntos é preciso ir devagar com o andor. Talvez outros já estejam de olho nisso, e talvez até já tenham alguma vantagem”.

A sua voz foi baixando e no fim ficou quase inaudível. Baldur Persicke conseguiu novamente, trouxe todos para seu lado, até mesmo o pai, que antes estava melindrado. Então ele disse: “Um brinde à capitulação da França!”, e como, ao fazer isso, ele dava tapas na coxa, eles notaram que na verdade ele se referia a outra coisa, isto é, à velha Rosenthal.

Eles riram em grande algazarra e brindaram e beberam mais muitos copos, um atrás do outro. Mas tinham boa resistência, aquele ex-taverneiro e os seus filhos.

O mestre de fábrica Quangel pisou na Jablonskistrasse e tocou com Emil Barkhausen, que estava ali à toa na calçada diante do prédio. Esta parecia ser a única profissão de Emil Barkhausen: ficar à toa em algum lugar onde houvesse alguma coisa para espreitar ou escutar. Nem mesmo a guerra, que se alastrava por toda parte com serviços obrigatórios e trabalhos forçados, havia mudado isso. Emil Barkhausen continuava à toa.

Ele estava ali parado, uma figura comprida, magra, alta e esguia, num terno puído, olhando entediado com o rosto sem cor para a Jablonskistrasse, àquela hora quase deserta. Quando avistou Quangel, ele se pôs em movimento, foi até ele e lhe estendeu a mão.

“Aonde vai a esta hora, Quangel?”, perguntou. “Ainda não está no seu horário de ir para a fábrica, está?”

Quangel ignorou a mão do outro e murmurou de modo quase incompreensível: “Estou com pressa!”.

Enquanto dizia isso, ele já seguiu adiante, em direção à Prenzlauer Allee. Era só o que lhe faltava agora, aquele bisbilhoteiro inoportuno!

Este, porém, não se deixou repelir tão facilmente. Deu uma risada de bode e disse: “Ah, então vem bem a calhar, Quangel!”. E quando o outro continuava a andar resolutamente, olhando para a frente, ele acrescentou: “O médico mandou eu me movimentar bastante por causa da minha prisão de ventre, e eu acho chato andar sozinho por aí!”.

Então ele começou a descrever de modo extenso e minucioso tudo o que já fizera contra a sua prisão de ventre. Quangel não o escutava. Dois pensamentos o ocupavam fortemente, e um sempre se sobrepunha ao outro: não tinha mais um filho e Anna dissera: “Você e o seu Führer!”. Quangel admitia a si mesmo: ele nunca amara o garoto como um pai deve amar o filho. Desde o nascimento, ele vira o menino apenas como alguém que perturbava seu sossego e sua relação com Anna. Se apesar disso agora ele sentia dor, era porque pensava em Anna com inquietação, em como ela reagiria a essa morte, como tudo nela mudaria. E Anna lhe dissera: “Você e o seu Führer!”.

Não era verdade. Hitler não era o seu Führer, ou não era o seu Führer mais do que era o Führer de Anna. Desde que a sua pequena oficina de marcenaria falira em 1930, eles sempre concordaram que tinha sido o Führer quem havia tirado a carroça da lama. Depois de quatro anos desempregado, ele se tornara mestre de uma grande fábrica de móveis e agora podia levar seus 40 marcos para casa toda semana. Com esse dinheiro, eles podiam viver bem. Isso acontecera por causa do Führer, ele pusera a economia nos trilhos novamente. Quanto a isso, os dois sempre haviam concordado.

Mas nem por isso eles haviam entrado no Partido. Em primeiro lugar, eles não se conformavam com a contribuição partidária, já era preciso sangrar por toda parte, para as campanhas de ajuda no inverno, para todos os fundos possíveis, para a DAF. Sim, na DAF ele também tinha um pequeno cargo que lhe haviam empurrado na fábrica, e essa era justamente a outra razão pela qual os dois não haviam se filiado ao Partido. Em qualquer que fosse a ocasião, ele sempre via como era feita uma distinção entre os camaradas do povo e os camaradas do Partido.

O projeto gráfico deste livro inspirou-se na advertência, feita por Hans Fallada na nota introdutória à obra, de que trata-se de um texto de conteúdo sombrio, e que é importante que não seja de outra forma. Assim, as escolhas gráficas foram tomadas com o intuito de honrar o desejo do autor. Neste livro não há cor.

Das três tipografias que o compõem, duas têm origem germânica: a Lyon Text, desenhada pelo alemão Kai Bernau, e a Atlas Grotesk, também de Bernau (em parceria com Susana Carvalho e Christian Schwartz). Utilizada na capa e na abertura das quatro partes da obra, a Dorn Display foi desenhada exclusivamente para o projeto e tomou por base a angulação dos tipos góticos (ou fraturas), comumente empregados na Alemanha durante o regime hitlerista. *Dorn*, espinho em alemão, faz referência aos vértices pontiagudos dos módulos de unidade construtiva da tipografia. Os mesmos módulos, que variam no preenchimento de seu núcleo, deram origem às ilustrações que abrem e fecham o livro, baseadas em mapas da cidade de Berlim.

Impresso no papel Munken Print Cream 80 g/m² em setembro de 2019 pela gráfica Ipsis.

ESTE EXEMPLAR É O DE NÚMERO



DE UMA TIRAGEM DE 1.000 CÓPIAS